

## A violência contra a mulher nos cenários da mídia em tempos de pandemia

Linda Rubim<sup>1</sup>

Adriana Jacob Carneiro<sup>2</sup>

Fernanda Argolo<sup>3</sup>

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i24.56817>

**Resumo:** O artigo recupera o contexto do aumento de casos de violência contra a mulher durante a pandemia do covid-19 e como o tema tem sido explorado nas diferentes produções da mídia, desde a imprensa aos conteúdos da teledramaturgia. Nesse sentido, o texto destaca que a atuação da mídia pode auxiliar para reconfigurar os padrões culturais sexistas que naturalizam a violência contra a mulher, ou, por outro lado, ratificá-la a partir da confirmação de estereótipos e representações de senso comum. A partir dessa abordagem, o artigo apresenta os seis textos que compõem o dossiê Violência Contra as Mulheres nas Narrativas Midiáticas, concluindo pela importância da consolidação de pesquisas acadêmicas sobre o tema da violência contra a mulher como estratégia de enfrentamento do problema.

**Palavras-chave:** violência contra a mulher; pandemia; narrativas midiáticas; gênero; mídia.

### Violencia contra las mujeres en escenarios mediáticos en tiempos de pandemia

**Resumen:** El artículo recupera el contexto del aumento de casos de violencia contra las mujeres durante la pandemia del covid-19 y cómo el tema ha sido explorado en diferentes producciones mediáticas, desde la prensa hasta el contenido de la ficción televisiva. En este sentido, el texto destaca que la actuación de los medios puede ayudar a reconfigurar los patrones culturales sexistas que naturalizan la violencia contra las mujeres, o, por el contrario, ratificarla a partir de la confirmación de estereotipos y representaciones del sentido común. A partir de este enfoque, el artículo presenta los seis textos que componen el dossier Violencia contra la mujer en las narrativas mediáticas,

---

<sup>1</sup> Linda Rubim. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999) e Pós-doutora em Política e Gestão da cultura pela Universidade San Martin e em Comunicação e Gênero com ênfase em cinema pela Universidade de Buenos Aires (2006). Professora dos Programas multidisciplinares de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) e ao de Estudos sobre mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. E-mail: lindasorubim@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-1635-6429>

<sup>2</sup> Adriana Jacob Carneiro. Doutora em Cultura e Sociedade pela UFBA. Integra o grupo de Pesquisa Miradas (CULT/UFBA), Brasil. E-mail: [adrianajacob.cultura@gmail.com](mailto:adrianajacob.cultura@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-1938-8258>

<sup>3</sup> Fernanda Argolo. Doutora em Cultura e Sociedade pela UFBA. Pesquisadora Visitante do Latin American Research Center da University of Calgary (2017). É analista administrativo da Agência Nacional de Energia Elétrica, Brasil. E-mail: [nandaargolo@gmail.com](mailto:nandaargolo@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-4651-6833>

Recebido em 20/12/2022, aceito para publicação em 02/02/2023 e disponibilizado online em 01/03/2023.

concluyendo sobre la importancia de consolidar la investigación académica sobre el tema de la violencia contra la mujer como estrategia de enfrentamiento del problema.

**Palabras clave:** la violencia contra las mujeres; pandemia del covid 19; producciones mediáticas; genero; medios.

### Violence against women in media scenarios in times of pandemic

**Abstract:** The article presents the context of the increase in cases of violence against women during the covid -19 pandemic and how the theme has been explored in different media productions, from the press to television drama content. In this sense, the text highlights that the media can help to reconfigure the sexist cultural patterns that naturalize violence against women, or, on the other hand, ratify it based on the confirmation of stereotypes and common sense believes. Based on this approach, the article presents the six texts that make up the dossier Violence Against Women in Media Narratives, concluding on the importance of consolidating academic research on the topic of violence against women as a strategy for coping with the problem.

**Keywords:** violence against woman; covid 19 pandemic; media narratives; gender; media.

## A violência contra a mulher nos cenários da mídia em tempos de pandemia

Enquanto estávamos encerradas em nossas casas lidando com os efeitos de uma pandemia aterradora, acompanhávamos nos noticiários alertas para o crescimento da violência contra mulheres, bem como o aumento de notícias sobre feminicídios. Em outro segmento, as produções audiovisuais ficcionais ou de caráter documental começaram a tratar do tema violência contra as mulheres de forma incisiva e insistente, quase como aqueles alertas luminosos que piscam intermitentes perigo!

A convivência diária levada ao extremo pelas medidas de isolamento social exacerbou as dificuldades de

relacionamento e diálogo entre os casais e as famílias de modo geral, bem como a face mais violenta de uma cultura que sempre privilegiou a dominação masculina sobre a mulher. A violência se manifestou, portanto, em suas várias dimensões, seja em suas vertentes psicológica e moral, quanto nas suas manifestações física e sexual.

Para muitas mulheres que já viviam em situação de violência doméstica, o regime de isolamento trouxe a necessidade de ficar mais tempo no próprio lar junto a seu agressor, por vezes em condições precárias, com os filhos e vendo sua renda diminuída (FBSP, 2020).

Ademais, não há como falar de violência contra as mulheres sem considerar suas interseções com gênero, raça e classe social. Nesse sentido, é simbólico que uma mulher negra, funcionária doméstica, tenha sido a primeira vítima fatal de covid-19 no Brasil (GOMES; CARVALHO, 2021).

Desde o início da Pandemia, a ONU Mulheres e instituições internacionais alertaram para o aumento do número de pedidos de ajuda em canais de atendimento. No entanto, as denúncias formais relativas à violência doméstica caíram. No Brasil, por exemplo, os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)<sup>4</sup> dos últimos anos, em especial dos anos de pandemia (2020-2021) apontam de fato a diminuição nas denúncias de violência doméstica. Entretanto, ao mesmo tempo, revelam o crescimento no número de feminicídios (FBSP, 2022). Segundo as análises dos profissionais de segurança, as medidas de isolamento social impediram as mulheres de

acessar os canais de denúncia, o que deu espaço para que a violência em sua forma mais letal se concretizasse.

Uma em cada quatro mulheres brasileiras acima de 16 anos afirma ter sofrido violência física, psicológica ou sexual durante a pandemia de covid-19, o que equivale a 17 milhões de mulheres (FBSP, 2021). Mais de quatro milhões delas foram agredidas fisicamente com tapas, socos e/ou chutes. Ou seja, a cada minuto, oito mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia. Um estudo da ONU Mulheres realizado em 13 países de diversas regiões do mundo constatou que 45% das mulheres reportaram que elas mesmas ou uma mulher que elas conhecem haviam sofrido algum tipo de violência durante a pandemia e uma em cada quatro mulheres afirmara se sentir mais insegura em casa<sup>5</sup>.

Esse tempo de distanciamento social, em que o estar em casa propiciava o aumento de agressões, também multiplicou a exposição das pessoas aos meios de comunicação,

---

<sup>4</sup>Publicados no Relatório Visível e Invisível. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>

---

<sup>5</sup>Publicados no Relatório Measuring the shadow pandemic: Violence against women during Covid-19. Disponível em: <https://data.unwomen.org/publications/vaw-rga>

seja na jornada de trabalho ou nos momentos de lazer. A mídia brasileira e internacional não ficou alheia a esse processo. Um movimento claro de inserção de conteúdos sobre o tema violência contra a mulher se multiplica na pauta dos telejornais, dos sites de notícias, das páginas de redes sociais, da teledramaturgia e dos *streamings*. Tal dinâmica pode ser considerada um indício de posicionamento dos meios de comunicação frente a essa temática. Entretanto, não basta apenas dar visibilidade ao tema para combater o problema. É preciso politizar a violência contra a mulher, de forma a propor uma mudança cultural e uma nova educação de gênero, que reconheça e respeite a igualdade entre os gêneros nas suas diferenças. Tal posicionamento coloca em perspectiva um mundo realmente menos desigual, mais justo, mais humano e, sem dúvidas, mais inteligente e sensível para a construção de uma sociedade saudável.

Iluminado por esse contexto, o dossiê *Violência Contra as Mulheres nas Narrativas Midiáticas* traz uma proposta política e acadêmica de pesquisa e formação de literatura especializada sobre o tema da

violência contra as mulheres. A intenção deste trabalho é mobilizar a comunidade acadêmica e demais pessoas interessadas a avançar nas pesquisas sobre o assunto, de forma a contribuir para um diagnóstico sobre a violência contra a mulher e suas consequências para a sociedade, assim como para motivar um processo de resignificação cultural dessa prática.

O papel da mídia para o agendamento do debate público há algum tempo ganhou destaque na pesquisa, seja em teorias clássicas sobre o jornalismo como critérios de noticiabilidade, agenda-setting (agendamento) e *framing* (enquadramento), quanto nos estudos de representação simbólica e análise de conteúdo da produção audiovisual. Com a explosão das redes sociais e da produção mais do que massiva de conteúdos, os meios de comunicação avançam em seu papel estruturador da sociabilidade, e intervêm de modo crucial no agendamento das pautas sociais, para deixá-las em maior ou menor evidência. (RUBIM, 2000; SODRÉ, 2010)

No entanto, é preciso tensionar as imagens e discursos veiculados nas

produções midiáticas, bem como as formas como a violência contra a mulher têm sido abordadas, seja pela teledramaturgia ou pelas produções jornalísticas. Assim como a mídia pode ser um ator fundamental para a reconfiguração simbólica, ela pode atuar em sentido contrário, minimizando ou mesmo naturalizando os casos de violência, a partir da romantização e estereotipização dos papéis de homens e mulheres na sociedade e nas relações amorosas (RUBIM, 2003; MIGUEL, 2013; POMPPER, 2017; ARGOLLO, 2019).

Há ainda a possibilidade de as narrativas midiáticas silenciarem as vozes de mulheres e perspectivas que podem ser fundamentais para o avanço nas discussões de gênero (RUBIM; ARGOLLO, 2018). Isso vale tanto para a escolha de fontes jornalísticas, como para a construção de personagens fictícias, apenas para citar dois exemplos. Inclui, ainda, a importância da pluralidade de ângulos na construção de narrativas de casos de violência contra as mulheres, sobretudo aqueles que questionem ou problematizem agressões baseadas em estereótipos de gênero.

Não há como esquecer que a mídia não é uma entidade alheia e imune à cultura em que está inserida. Ela é diretamente influenciada pela cultura e pelas relações de poder que mantêm o *status quo* (BEARD, 2018; JAMIESON, 1995; MIGUEL; BIROLI, 2014; MURRAY, 2010). Indubitavelmente, a balança do poder ainda pende para uma cultura machista, em que as regras de comportamento social são ditadas por homens, em sua maioria brancos.

Desse modo, ao tratar de casos de violência, é possível identificar nas narrativas da mídia questões como “o que ela fez?”, “quem é ela?”, “por que estava ali?”, “que roupa estava usando?”, no sentido de (des)qualificar a mulher e, a partir desse ponto, estabelecer uma relação de causa e consequência para a violência perpetrada.

Nesse sentido, o debate sobre a violência contra a mulher pela mídia evidencia a complexidade de se tratar um tema que durante anos foi naturalizado na cultura e na legislação. O contrato sexual há muito cristalizado na ordem social, onde a mulher (seu corpo) era essencialmente propriedade de um homem (pai ou marido)

perdurou por muitos séculos, e deixou marcas profundas na sociabilidade entre os gêneros.

Falar sobre violência contra a mulher dentro do casamento é um tema novo, é uma reinterpretação das relações conjugais à luz de uma modificação do papel social da mulher e da legislação recente sobre o direito das mulheres. O senso comum até pouco apregoava que 'em briga de marido e mulher não se mete a colher', e, com isso normalizava as agressões às mulheres no seio familiar, fossem de natureza física ou psicológica. Vale lembrar que até 1940, a norma penal brasileira não considerava crime um homicídio cometido por um cônjuge que flagrasse a esposa em adultério ou que simplesmente estivesse movido por elevado ciúme.

Apesar da mudança na legislação nos anos 1940, a justificativa de crimes contra as mulheres "em defesa da honra" seguiu sendo usada. Apenas em março de 2021, o Supremo Tribunal Federal decidiu que a tese da legítima defesa da honra é inconstitucional porque contraria os princípios da proteção da vida e da igualdade de gênero.

Com o avanço da atuação das mulheres na esfera pública, outros tipos de agressões foram sendo somadas àquelas já vivenciadas nas relações familiares, alcançando relações de trabalho, entre médicos e pacientes, e de natureza política, apenas para citar alguns exemplos. Sem contar a violência sexual mais abrangente, perpetuada na cultura de dominação masculina desde o início dos tempos, bastante documentada na literatura, seja ela de caráter histórico ou ficcional.

Chama a atenção, por exemplo, que enquanto a chamada para este dossiê esteve em curso, vários casos de violência contra mulheres foram amplamente noticiados pela imprensa brasileira. O noticiário mostrou desde casos de feminicídios cometidos pelos companheiros, namorados e maridos, até violência sexual contra meninas e mulheres pacientes em hospitais.

Alguns casos tornaram-se emblemáticos, como o que provocou um debate público sobre a entrega voluntária de bebês gerados por meio de violência sexual. A situação inicialmente tratada pela imprensa apresentava o drama de uma garota de dez anos, que vinha sendo coagida

por uma juíza a manter a gravidez, resultado de um estupro, para que a criança fosse adotada posteriormente. Enquanto o debate público sobre o caso ganhava repercussão, um colunista expôs a entrega voluntária de um bebê para adoção, pela atriz Klara Castanho<sup>6</sup>. A atriz teve que revelar um processo judicial sigiloso e a entrega para adoção de uma criança que teria sido fruto de um estupro.

Meses depois, enfermeiras de um hospital no Rio de Janeiro gravaram um vídeo via celular para denunciar um médico anestesista que abusava sexualmente das pacientes durante a cirurgia cesariana<sup>7</sup>. O fato ganhou repercussão pública com cobertura especial dos veículos da imprensa nacional e internacional, e

questionamentos ao Conselho Federal de Medicina.

O uso de recursos midiáticos expôs a cadeia de violências enfrentadas pelas mulheres até mesmo em sua relação com o Judiciário. Imagens do julgamento do empresário André de Camargo Aranha, acusado de estupro pela *promoter* Mariana Ferrer, revelam que a modelo foi humilhada na audiência, chegando a chorar e a implorar por respeito. Na ocasião, a defesa do empresário exibiu fotos sensuais produzidas por Ferrer como modelo profissional antes do crime, com o objetivo de argumentar que a relação sexual entre ambos havia sido consensual. Sem ser questionado sobre a relação das fotos com o crime, o advogado afirmou que “‘jamais teria uma filha’ do ‘nível’ de Mariana”<sup>8</sup>, o que evidencia as forças desiguais entre os gêneros.

As redes sociais foram palco para protestos contra a absolvição de Aranha e a hashtag

---

<sup>6</sup> Fantástico. Klara Castanho: veja como começou o vazamento de história pessoal com especulações e ataques a atriz na internet, 27 de Junho de 2022. <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/06/27/klara-castanho-veja-como-comecou-o-vazamento-de-historia-pessoal-com-especulacoes-e-ataques-a-atriz-na-internet.ghtml>

<sup>7</sup> O Globo. “Operação Flagrante: veja, passo a passo, como a equipe de enfermagem desmascarou anestesista preso”. 13 de Julho de 2022. <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/07/operacao-flagrante-veja-passo-a-passo-como-equipe-de-enfermagem-desmascarou-anestesista-preso.ghtml>

---

<sup>8</sup>The Intercept Brasil. “Julgamento de influencer Maria Ferrer termina com tese inédita de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando jovem. 2 de Novembro de 2020. <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>

#JustiçaPorMariFerrer tornou-se o assunto mais comentado do Twitter na segunda semana de setembro de 2020, com mais de 54 mil menções. Apesar de o ambiente online ser usado para a luta por direitos das mulheres (DANIELS, 2009; MATOS, 2017; CARNEIRO, 2019), ele também foi um espaço em que a violência atingiu desproporcionalmente mais mulheres e meninas do que homens durante a pandemia (UN Women, 2020)<sup>9</sup>. As agressões incluíram ameaças físicas, assédio, perseguição e envio de conteúdo pornográfico indesejado.

Tais casos apresentam relatos e marcas de uma cultura machista, que não reconhece a violência contra a mulher e insiste na culpabilização das vítimas. As representações dessa violência nos meios de comunicação fornecem indícios de que a cultura ainda naturaliza as micro e macro agressões cotidianas contra as mulheres. É o que mostra o artigo

**“Não quero ser mãe, não estou pronta”**: a entrega legal para adoção e a (re)produção do cativo da **madresposa** nas **narrativas jornalísticas**, ao investigar a cobertura jornalística a respeito da entrega voluntária de bebês para adoção. Os autores Débora Oliveira de Medeiros e Leo Mozdzenski utilizam a noção de cativo da *madresposa*, proposta pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de los Ríos, como representação das opressões e aprisionamentos socialmente construídos e impostos para que as mulheres reproduzam seu papel servil de mãe e esposa. A análise empreendida revela como as mulheres que decidem passar pelo processo legal de entrega do bebê para adoção são julgadas e estigmatizadas em reportagens online de periódicos e sites de notícias de diferentes regiões do Brasil. Para além do julgamento midiático, é preciso ter em consideração como o símbolo da maternidade ainda atua como signo da principal função social da mulher e, como o tema levanta questões acerca dos direitos da mulher sobre seu próprio corpo, com interferências dos campos político, jurídico e religioso.

<sup>9</sup> UN Women, 2020. “Online and ICT\* facilitated violence against women and girls during COVID-19”. (Online e Tecnologia da Informação e Comunicação facilitaram violência contra mulheres e meninas durante a COVID-19).  
<https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/brief-online-and-ict-facilitated-violence-against-women-and-girls-during-covid-19>

Tratando-se de religião, apresenta-se no texto de José Cláudio Alves de Oliveira, Fernanda Assunção Camelier Mascarenhas e Sasha Morbeck Miranda uma mirada sobre a violência contra a mulher na América Latina, em especial no México, pela perspectiva de retablos ex-votivos de caráter transgressor, que fogem da temática tradicional religiosa, abordando temas considerados estigmatizados. Desse modo, o artigo **Retablos ex-votivos como suporte de denúncia da violência contra a mulher** apresenta uma análise iconográfica dos retablos, considerados um documento histórico da sociedade em que estão inseridos, e uma mídia da cultura popular e de denúncia social que dá voz a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Passando aos meios tradicionais de comunicação, a cobertura jornalística sobre a violência letal contra as mulheres é o foco do artigo **Regularidades discursivas dos casos de feminicídio no Diário do Sertão**, de Luana Brito Lacerda, Demerval Ricardo Lellis e Glória Rabay. O estudo analisa as posições discursivo-ideológicas presentes nas matérias e mostra que, em muitos

casos, tais crimes nem chegam a ser nomeados como feminicídios nas matérias analisadas. A despolitização dos assassinatos contribui para a banalização das mortes das mulheres e para a descontextualização da dimensão cultural relacionada a esse tipo de violência. Ademais, ao silenciar informações importantes acerca da prevenção contra agressões a mulheres, a mídia deixa de cumprir com seu importante papel de prestação de serviço e de conscientização da população.

Não raras vezes, a cobertura midiática reforça padrões socialmente estabelecidos que aprisionam as mulheres a estereótipos de gênero e reforçam um suposto modelo "ideal" de família associado à religiosidade. É o que mostra o artigo **Feminicídio em pauta: análise de discurso sobre um crime de gênero que ganhou destaque nos programas policiais da Paraíba**, de Felícia Arbex Rosas e Glória Rabay. Em sua análise da cobertura jornalística sobre o feminicídio em um programa televisivo, as autoras destrinçam mecanismos que minimizam a opressão e buscam justificar os crimes com base na naturalização do comportamento

violento dos homens. Nesse sentido, por exemplo, a partir da escolha das fontes, algumas narrativas apresentam a violência decorrente do ciúme como um comportamento socialmente aceitável.

A naturalização de estereótipos de gênero a partir de narrativas midiáticas no ambiente televisivo é também analisada no artigo **Representações da violência contra mulheres na narrativa seriada *Coisa mais linda* (2019)**. O texto discute as múltiplas violências enfrentadas pelas mulheres a partir da análise das personagens femininas na série brasileira *Coisa Mais Linda*. As autoras Crislaine Alessandra da Lima Scher, Paula Maria Lucietto Dylbas e Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza analisam como as violências sofridas pelas personagens fictícias podem ser encontradas nos diversos casos de violência de gênero na sociedade contemporânea, representando discursos racistas, sexistas e misóginos. O texto nos convoca a pensar em como o processo de recepção de séries televisivas, hábito ampliado pelo tempo de isolamento social, pode agendar o debate e expor

os dramas sociais vivenciados pelas mulheres.

As violências contra as mulheres em suas interseções de gênero e raça nas narrativas audiovisuais não ficcionais são investigadas no artigo **Violência contra as mulheres negras em *A vida depois do tombo* (2021)**. As autoras Carla Conceição da Silva Paiva e Mariane Ribeiro dos Santos analisam a construção da personagem Karol Conká no documentário *A vida depois do tombo*, à luz dos estudos do feminismo negro. Uma das participantes do Big Brother Brasil no ano de 2021, a cantora Karol Conká teve a maior porcentagem de rejeição da história do *reality show* e sofreu uma série de ameaças e agressões após deixar o programa. O artigo investiga a dubiedade de narrativas a respeito da cantora, que ora humaniza, ora demoniza a artista, ao mesmo tempo em que reforça estereótipos relacionados às mulheres negras.

A diversidade de perspectivas e caminhos metodológicos explorados nos seis artigos que compõem o dossiê *Violência Contra as Mulheres nas Narrativas Midiáticas* revela como a pesquisa acadêmica vem buscando

contribuir com a problematização desse campo de estudos. Essas reflexões sobre as relações entre cultura e violência contra a mulher a partir das narrativas midiáticas são fundamentais para que se avance em estratégias para o seu enfrentamento, e, para que possamos de fato reestruturar códigos e comportamentos culturais danosos, baseados em opressão e violência.

#### Referências:

ARGOLLO, Fernanda. *Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar*. Narrativas da mídia sobre a primeira presidenta do Brasil. [Doutorado em Cultura e Sociedade]. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

CARNEIRO, Adriana Jacob. *A 'Bolada' das Rede*. Um estudo sobre entrelaces de gênero, humor e mídia em Dilma Bolada. [Doutorado em Cultura e Sociedade]. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

DANIELS, Jessie. Rethinking cyberfeminism(s): Race, gender and embodiment. *Women's Studies Quarterly*, 37:1&2, p. 101–24. 2009.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Violência contra meninas e mulheres no 1o semestre de 2022*. Disponível em: [https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/)

GOMES, Maria Carmen Aires; CARVALHO, Alexandra Bittencourt de. Pandemia de COVID-19 e violência doméstica na conjuntura sociopolítica brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 3, e74781, 2021.

JAMIESON, Kathleen Hall. *Beyond the Double Bind: Women and Leadership*. New York: Oxford University Press, 1995.

MATOS, Carolina. New Brazilian feminisms and online networks: Cyberfeminism, protest and the female "Arab Spring". *International Sociology*, 32:3, p. 417–34, 2017.

MIGUEL, Luís Felipe. Discursos sexistas no humorismo e na publicidade. A expressão pública, seus limites e os limites dos limites. *Cadernos Pagu*, n. 41, p. 95-119, jul.-dez. 2013.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MURRAY, Rainbow. *Cracking the Highest Glass Ceiling: A Global Comparison of Women's Campaigns for Executive Office*. Santa Barbara, CA, Denver, CO and Oxford: ABC-CLIO, 2010.

ONU *Mulheres*, 2020. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/brief->

online-and-ict-facilitated-violence-against-women-and-girls-during-covid-19

POMPPER, Donnalyn. *Rethoric of Femininity. Female Body Image, Media, and Gender Role Stress/Conflict*. Lanham: Lexington Books, 2017.

RUBIM, Albino. Nova Configuração das Eleições no Brasil Contemporâneo. In: *XXIII Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu – MG, 1999.

RUBIM, Linda. O Feminino como Lugar do Amor. In: FABRIS, Maria Rosaria; CATANI, Afrânio; GARCIA, Wilton; RUBIM, Antonio Albino Canelas; LOBO, Júlio. (orgs.). *Estudos Socine de Cinema*. Ano V. São Paulo: Editora Panorama, 2003. p. 170-177.

RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda. *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Edufba: Salvador, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2010.